

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Hilton Soares Cardoso Junior

**CINECLUBE TANTÃ: UMA EXPERIÊNCIA AUDIOVISUAL NA
ESCOLA MUNICIPAL PRESIDENTE TANCREDO NEVES**

Belo Horizonte

2015

Hilton Soares Cardoso Junior

**CINECLUBE TANTÃ: UMA EXPERIÊNCIA AUDIOVISUAL NA
ESCOLA MUNICIPAL PRESIDENTE TANCREDO NEVES**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação e Cinema, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Carmen Lucia Eiterer

Belo Horizonte

2015

Hilton Soares Cardoso Junior

**CINECLUBE TANTÃ: UMA EXPERIÊNCIA AUDIOVISUAL NA
ESCOLA MUNICIPAL PRESIDENTE TANCREDO NEVES**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Educação e Cinema, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Carmen Lucia Eiterer

Aprovado em 9 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Carmen Lucia Eiterer – Faculdade de Educação da UFMG

Dra. Amarilis Coelho Coragem – Faculdade de Educação da UFMG

RESUMO

Esse trabalho de conclusão de curso consiste na descrição de uma proposta de intervenção para implantação de um Cineclube no ambiente escolar tomando como base uma investigação teórica sobre Educação e Cinema. Para isto trabalhei o conceito de Cineclube, Educação do olhar, estética da imagem e as particularidades que envolvem o processo de exibição de filmes e formação de público.

Palavras-chave: Educação, Cinema, Cineclube, Escola.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	06
2. CINEMA E ESCOLA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL	09
3. ENTENDENDO O CINECLUBE	13
4. LUZ, CÂMERA, AÇÃO!	18
5. PROBLEMAS À VISTA	21
6. LUZ NO FIM DO TÚNEL	24
7. CONCLUSÃO	33
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36
9. REFERÊNCIAS FÍLMICAS.....	38

1. APRESENTAÇÃO

Ao começar este texto me peguei pensando pelo final. Sempre tive o hábito de escrever com foco nos ensinamentos, aprendizados, do alto da minha curta experiência de vida e das hipóteses que me acompanham. Quando precisei relatar minha reflexão após o desafio de inserir o Cinema no cotidiano da escola, fiquei indeciso por onde começar. Decidi então seguir uma lição adquirida durante este percurso e que culminou na elaboração deste trabalho: para ampliar nosso conhecimento e aprender, às vezes é necessário desaprender. Martha Medeiros, em sua crônica “Aprendendo a desaprender” (2003) descreve de maneira muito poética que devemos “desaprender para aprender, deletar para escrever em cima”, devemos nos desprendermos de nossas verdades para estarmos dispostos a conhecer novas verdades, consciente que as verdades são relativas. Para este desaprendizado, não é necessário nascermos de novo, Martha Medeiros, na mesma crônica descreve que “dá pra renascer várias vezes nesta mesma vida, basta desaprender o receio de mudar.” Sendo assim, como antes de ampliar nosso conhecimento é necessário que façamos uma limpeza no senso comum que trazemos, preferi por começar pelo que aquilo desaprendi. E como desaprendi.

Primeiramente, desaprendi a chamar nossos jovens estudantes de estudantes. Afinal, eles são mais que isto. São sujeitos assim como nós e como tal trazem consigo emoções e características únicas presentes em cada um. Estudantes têm tarefas a cumprir, devem ficar quietos e atentos à aula, precisam cumprir uma serie de requisitos para serem aprovados ao findar de um ano. Nossos jovens estudantes também têm estes deveres, mas não são compreendidos desta maneira somente. Jovens tem sentimentos: choram, sorriem, se enamoram. Jovens podem ter preguiça, alguns podem ser hiperativos, mas todos trazem consigo uma história sociocultural que não perdem ao entrar numa sala de aula e se tornarem estudantes.

Desaprendi a olhar o ambiente escolar apenas de uma perspectiva e ampliei minha visão, distanciando-me do problema e observando as situações com um olhar estrangeiro. É verdade que a escola tem seus problemas, mas esta não é uma ilha. Faz parte de um todo. Tanto a escola, quanto os professores e estudantes estão dentro da sociedade, do mundo, da cultura. Devemos compreender que somos todos responsáveis por ela pois somos parte inerente dela.

Desaprendi a olhar o Cinema e a Escola em ambientes distintos: ambos podem e devem se juntar para ampliar nossas fontes de conhecimento. Devidamente mediado, o Cinema pode ser utilizado como ferramenta de uso pedagógico em todos os níveis de ensino e

em várias áreas do conhecimento, desenvolvendo a sensibilidade, despertando pertinentes reflexões e formação do gosto.

Minha relação com a escola vem desde o ensino infantil, no maternal, quando tive meu primeiro contato com este ambiente de aprendizado e convivência. Meu ensino fundamental e médio foram em escolas particulares, sendo o Médio concomitante com o Técnico em Informática. Logo após o Ensino Médio, tive a oportunidade de prestar vestibular e ser aprovado para o curso de Cinema e Audiovisual no Centro Universitário UNA concluindo o Ensino Superior em agosto de 2011. Atualmente sou Auxiliar de Biblioteca pela Prefeitura de Belo Horizonte, cargo que ocupo desde maio de 2010.

Minha história com a Prefeitura de Belo Horizonte se inicia com minha trajetória estudantil. Durante o Ensino Médio tive a oportunidade de estagiar na Escola Municipal Presidente Tancredo Neves. Ali, auxiliei na coordenação, secretaria e biblioteca durante dois anos, ocasião em que tive meu primeiro contato com a prática pedagógica. Ao fim dos 18 meses de estágio, prestei concurso e tive a oportunidade de voltar à mesma escola que estagiei, desta vez como concursado.

O ambiente escolar desde muito cedo atraiu minha atenção. Sempre fui um curioso: gosto de descobrir novidades, ampliar meus conhecimentos, estar atento a tudo que acontece ao meu redor. Estagiar na adolescência numa escola municipal foi uma grata surpresa, pois pude conciliar minha formação pessoal ao mesmo tempo em que observava a formação estudantil de outras pessoas. Essa correlação foi fundamental para criar laços com o ambiente escolar e gostar de fazer parte dele.

Considero uma grande responsabilidade poder participar na formação de outros indivíduos e, por isto, não optei por uma carreira de professor, mas uma posição que me permitia fazer parte deste processo e auxiliar o professor no processo de ensino e aprendizagem. Neste quesito, o ambiente que me acolheu na escola foi a Biblioteca. É papel da Biblioteca Escolar desenvolver atividades de apoio ao letramento, alfabetização e formação do hábito de leitura. Posso assim, ampliar a função do professor junto ao estudante na sala de aula, fazendo uma ponte entre a prática pedagógica e a cultura de modo em geral – literatura, fotografia, exposições, pinturas, Cinema, teatro, música – fundamentais para a formação acadêmica de qualquer estudante.

Apaixonado por artes de maneira geral estou sempre frequentando lugares de promoção e divulgação da cultura. Acredito que seja fundamental para minha formação tanto pessoal, quanto profissional. Já participei da produção dos curtas-metragens *O Incrível Cérebro que Derreteu* (2008), *Que Liberdade?* (2008), *Olhar INpreciso* (2009), *Entrelinhas*

(2009) e *Escrito para Sempre* (2011). Sou diretor do documentário *Imaginário Cotidiano*, que mostra três pessoas com realidades cotidianas diferentes que são convidadas para um desafio: lerem um mesmo livro infantil e cada uma contar a leitura que fez da história. Ao fazerem isto, descobrimos que cada ser humano ao adentrar no seu imaginário literário, muito se descortina da riqueza do que cada pessoa traz em sua história de vida.

Poder contribuir para o desenvolvimento pedagógico de uma escola numa Biblioteca tem me mostrado o quanto é importante e necessário este local, o quanto podemos fazer para ajudar e ampliar a visão de mundo de cada um que passa por ali. Em um mundo com uma sociedade cada vez mais imagética, uma investigação teórica sobre Educação e Cinema era a oportunidade ideal para unir minha formação acadêmica à minha experiência profissional.

A execução desse trabalho buscou acrescentar aos estudos de Educação e Cinema um maior entendimento sobre o quanto estes dois campos de estudo podem caminhar juntos. Há pouca bibliografia e poucos relatos de experiência de projetos em que a Educação e o Cinema se complementam. Por isto, o registro deste projeto de intervenção é relevante, já que traça uma relação entre a Educação e a prática Cinematográfica numa escola municipal de Belo Horizonte. Com o objetivo de inserir o Cinema no cotidiano da escola, tive a iniciativa de implantar um Cineclube nela, a fim de encontrar indicações e perspectivas para a seguinte questão: Como desenvolver a prática de exibição de filmes na escola possibilitando a inserção desta arte no seu cotidiano?

Nasceu assim o **Cineclube Tantã** para exibição de filmes de diferentes cinematografis tomando como percurso teórico uma investigação sobre o Cinema na escola. O conceito de Cineclube, formação do gosto, educação do olhar e outras particularidades envolveu todo o processo de exibição dos filmes.

Esperava com isso que a comunidade escolar conseguisse entender o Cinema e a produção audiovisual como importantes caminhos para a ampliação de conhecimentos e não como uma forma de entretenimento ou passatempo. Além de despertar uma maior sensibilidade com relação às imagens que propicia o desenvolvimento de um senso crítico, despertando nos jovens estudantes a discussão de assuntos relacionados à área social, política e cultural.

Ao prosseguir na leitura, perceberão que o resultado se distanciou desta expectativa diante de alguns percalços que encontrei pelo caminho, mas ainda assim o saldo foi positivo. Deposto de minhas hipóteses iniciais, me distanciei para observar o que esta experiência de novo me trouxe e que compartilho com vocês!

2. CINEMA E ESCOLA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

É notória a importância da linguagem visual para a construção de sentido no nosso mundo atual. Nas escolas, essa linguagem aparece por meio de cartazes, desenhos, pinturas e colagens das mais diversas espalhadas pelos corredores da escola, além das imagens disponíveis em celulares, *smartphones*, notebooks, *tablets* e instrumentos tecnológicos que tanto os estudantes, quanto os profissionais utilizam. Um exemplo que ilustra a importância destas imagens e seu potencial pedagógico está no texto “Das (im)possibilidades de ser ver como anjo...” de Dagmar Estermann Meyer (2002). Nele, a autora parte de um exemplo de uma criança negra em idade pré-escolar que se recusa a ir à escola enquanto os pais e educadores tentam entender qual é o motivo que a faz não querer estar naquela instituição. Depois de muitas tentativas, a menina explicou à mãe que não queria ir à escola porque, ali, ela tinha descoberto que “não podia ser anjo”.

A partir deste fato, Meyer explica que existe um potencial pedagógico imbricado nas figuras representativas de anjos, seres sempre retratados de pele muito branca, com cabelos louros e encaracolados e olhos azuis, enquanto nunca se vê uma representação de um anjo negro. Essa falta de diferentes representações acaba reforçando uma identidade social calcada em normatizações que muitas vezes excluem aqueles que não se encaixam nelas. Meyer chama isto de “um espaço narrativo privilegiado para alguns enquanto produz/reforça a desigualdade e a subordinação de outros” (MEYER, 2002, p.58).

Tomando como ponto de partida o caso relatado acima, refleti sobre como o Cinema poderia ajudar a resolver esta questão da menina “não se ver como anjo” e, neste percurso, tentar explicitar o quanto o diálogo entre o Cinema e a Escola é viável.

Ao pensar a inserção do Cinema na escola, precisamos refletir sobre algumas questões sobre esta linguagem e o local em que queremos inseri-la. Questões como “qual Cinema levar para este ambiente” ou “como implementar esta linguagem na escola?” são pertinentes do ponto de partida para aquilo que queremos criar. Além disto, devemos entender qual o local que o Cinema, em suas diversas representações, ocupa nas Escolas atualmente.

Para pensar a experiência de ver Cinema com os estudantes, parto da afirmação de Alain Bergala (2008) de que “a arte não se ensina, mas se encontra, se experimenta” e que enquanto “o ensino se ocupa da regra, a arte deve ocupar um lugar de exceção”. Sendo assim, percebemos que o Cinema na escola é uma oportunidade para desconstruir o cotidiano de regras escolares para que os estudantes possam vivenciar algo que os tire do lugar acomodado.

Segundo Adriana Fresquet (2013), o ato de trazer o Cinema para escola deve ocorrer “preferencialmente fora da grade curricular, com estudantes e professores que se reúnem simplesmente porque assim o desejam numa forma de estar escondido para aprender” (FRESQUET, 2013, p.98), levando-nos a crer que esta inserção antes de tudo, deve ser um movimento sutil. É necessário apresentarmos essa linguagem para os jovens estudantes que podem não ter tido uma vivência com o Cinema, ou que, em sua grande maioria tiveram uma experiência voltada para o entretenimento numa ação com a finalidade de passar o tempo e suscitar o interesse de uma audiência. Este conceito de que Cinema é entendimento é comum, pois o Cinema surge e se populariza como uma arte de espetáculo e materializa-se enquanto tal sendo em seus primórdios uma atração circense. Por isto, é necessário que ao ser levado para o ambiente escolar seja desconstruída esta ideia de que o Cinema é apenas entretenimento, papel majoritário em que ocupa na sociedade, mas não somente este: temos o valor artístico, cultural e social integrado a essa arte, que nos interessa e é de suma importância quando associado à escola.

Neste entendimento, Rosália Duarte e João Alegria (2008) nos alerta sobre o uso instrumental do Cinema na escola quando “exibimos filmes como um meio através do qual desejamos ensinar algo, voltada exclusivamente para o ensino de conteúdos curriculares, sem levar em conta o valor cultural e o lugar que tal obra ocupa na história do Cinema estamos olhando através dos filmes e não para eles” (DUARTE e ALEGRIA, 2008, p.75), ou seja, utilizamos o Cinema para ilustrar o conteúdo curricular ou exemplificar o que foi ensinado na disciplina considerando que aquele filme é capaz de trazer conhecimentos válidos escolarmente, desprezando novamente seu valor cultural.

Sendo assim, neste diálogo entre o Cinema e Escola o primeiro ponto em que destaco é distanciação da exibição de filmes pelo papel do entretenimento ou pelo seu uso instrumental. Precisamos focar nossas exibições olhando para os filmes e trabalhando o que eles têm a nos dizer, compreendendo o filme em sua autonomia e não como um instrumento auxiliar pedagógico ou de passatempo. Fresquet (2013) ainda nos chama a atenção sobre a “armadilha escolar de privilegiar sempre a dimensão linguística das produções em detrimento da dimensão sensível” (FRESQUET, 2013, p. 60-61).

É neste momento que retomo ao início deste texto, quando exemplifiquei o caso relatado no texto “Das (im)possibilidades de ser ver como anjo...” de Dagmar Estermann Meyer, temos um exemplo do quanto a exibição de filmes na escola pode despertar para a sensibilidade, pois além de oferecer um ambiente de questionamento e reflexão da

apropriação das imagens e representações tal como estão, temos a oportunidade de trazer outras representações que nossos estudantes não estão acostumados e habituados a verem. Ao exibir dois filmes que trazem temáticas parecidas, mas representações diferentes, podemos discutir, por exemplo, se todas as princesas devem ser retratadas como são nos filmes da Disney ou se temos princesas diferentes deste “padrão” tão disseminado e reforçado em nosso cotidiano. Neste caso, para uma representação de princesa diferente da Disney, no filme *Shrek* da Dreamworks, a personagem Fiona é uma princesa que se contrapõe ao “padrão” Disney. Esta diferença entre uma representação e outra, além de possibilitar um debate, traz consigo uma diversidade, explicitando que tanto uma quanto a outra transmitirão sentidos, mas que nenhum destes sentidos são únicos e soberanos.

Na medida em que a escola se abre e possibilita este momento para exibição de filmes, facilitando o acesso a diferentes representações temos uma abertura à diversidade. Percebe-se que o Cinema teve não apenas um papel de entreter ou ser utilizado como exemplo para alguma disciplina. Ele foi utilizado em sua essência para uma discussão e construção de sentido a partir daquilo que está presente em seus filmes e para além deles. Assim, tem-se não apenas a possibilidade de uma criança negra se ver como um anjo, mas tudo aquilo que ela quiser e puder imaginar, afinal, o processo de construção e entendimento de quem nós somos não deve ser delimitado, mas sim ampliado de modo que este conhecimento seja capaz de expandir nossa mente, como se nós criássemos asas – de anjo ou não – que irão nos levar ao paraíso pessoal.

Dentro desta perspectiva, Inês Assunção de Castro Teixeira e José de Sousa Miguel Lopes nos diz que “não se trata de escolarizar o Cinema, nem desconsiderar seu caráter pedagógico e até mesmo didático” (TEIXEIRA e LOPES, 2008, p.10-11). Para eles o Cinema é importante para a Educação quando passado a olhar para além das possibilidades didáticas: “o Cinema enquanto arte, através da experiência estética, da emoção, do exercício da sensibilidade e da fruição, nos aproxima da realidade educacional com um outro olhar” (TEIXEIRA e LOPES, 2008, p.10-11). Fresquet, também exemplifica este entendimento ao afirmar que “essa experiência pedagógica ensina para além dos muros da escola” (FRESQUET, 2013, p.61).

Tanto a Inês quanto a Fresquet a partir destas afirmações trazem intrínseco o conceito de Educação do Olhar. De acordo com Maria Cristina Carneiro, "a Educação do olhar é um chamamento a todos nós educadores que carecemos privilegiar na escola experiências humanizadoras e para isso a Educação do olhar é a chave para se entender da vida, da prática,

da civilidade, honestidade, companheirismo, participação, cooperação, generosidade, respeito às diferenças, justiça etc.” (CARNEIRO, 2005, p.34). Segundo ela, a Educação do Olhar trabalha no sentido de desenvolver o senso crítico e contribuir para a formação política, incentivando a reflexão capaz de formar cidadãos participativos e críticos. Maria Cristina nos diz que “nenhuma metodologia, por mais brilhante que seja, fará sentido se o educador não proceder a uma mudança no interior na vida de seus estudantes. Na maneira de olhar, ver e sentir” (CARNEIRO, 2005, p.35) e que esta Educação “mostra-se oportuna diante do agravamento da crise de valores que atinge o âmago da sociedade brasileira, requerendo de nós, mediadores de conhecimento, novos olhares a fim de reagirmos sobre a dura realidade na qual existimos e estamos vivendo.” (CARNEIRO, 2005, p.34).

Diante do avanço da tecnologia, uma revolução na maneira em que consumimos audiovisual tem ocorrido. Essa mudança tem favorecido a relação da escola com o audiovisual: curtas-metragens, documentários e longas metragens tem encontrado um caminho para estar presente no cotidiano das escolas brasileiras. Imagens saltam aos nossos olhos no nosso cotidiano e temos aprendido a olhar para elas? Não poderia a escola ser uma possibilidade de exercitar o nosso olhar? E se, dentro da escola, a inserção da exibição de filmes, propondo o diálogo entre o Cinema e a Escola constituir um espaço para apurarmos nosso olhar?

Para Bergala, segundo a tradução feita por Rosália Duarte e João Alegria (2008, p. 65), este diálogo entre escola e Cinema seria o de favorecer o acesso aos jovens estudantes e espectadores com bons filmes, considerando que os “bons filmes” são aqueles de reconhecido valor artístico e cultural, com roteiros bem escritos e cenas bem filmadas, muitas vezes distantes daqueles que os jovens estudantes estão acostumados. Bergala defende que “não basta ver bons filmes, é preciso também aprender a analisá-los e a julgá-los” (BERGALA, 2008, p. 65). Nesta perspectiva, em associação com a Educação do Olhar, inferimos que não podemos cair na tentação de direcionar o olhar dos espectadores para aquilo que vemos e sim proporcionar uma reflexão mediada – e não autoritária – capaz de produzir um desenvolvimento de senso crítico que na melhor das hipóteses, fará com que este telespectador seja capaz de expressar racionalmente esta experiência audiovisual num julgamento estético e traduzir a sensibilidade despertada através do que viu em palavras. Neste sentido, Rosália Duarte e João Alegria escrevem que “é preciso também favorecer o acesso a esses conhecimentos, colocando o espectador aprendiz em contato com as palavras e

os conceitos de que o meio Cinematográfico lança mão para analisar e apreciar suas obras” (DUARTE e ALEGRIA, 2008, p.75).

Temos então, algumas diretrizes para que o diálogo entre Cinema e Escola ocorra baseado no objetivo geral deste trabalho: inserir o Cinema no cotidiano da escola, por meio de objetivos específicos como permitir uma experiência cultural pela exibição de filmes; despertar sensibilidade fílmica; ampliar o repertório Cinematográfico dos estudantes através da Cinematografia nacional e estrangeira; introduzir as linguagens audiovisuais e seus gêneros (ficção, documentário, etc); promover momentos de encontro e convívio entre as diferentes turmas da escola, professores, funcionários e incentivar a ida ao Cinema.

Na tentativa de atingir estes objetivos, tive a iniciativa de implantar um Cineclube na escola em que atuo, a fim de encontrar indicações e perspectivas para a seguinte questão: Como desenvolver a prática de exibição de filmes na escola possibilitando a inserção desta arte no cotidiano da escola?

2. ENTENDENDO O CINECLUBE

Uma sala escura na companhia de diferentes pessoas – conhecidas ou não – olhando numa mesma direção: um foco de luz projetado numa superfície branca que quadro a quadro desvenda imagens em movimento revelando histórias, culturas e situações capazes de nos trazer uma nova percepção da realidade e angariar bagagem cultural. O ato de se assistir um filme pode funcionar como uma boa fonte de entretenimento, mas não precisa se resumir somente a isto.

Quando um grupo de pessoas decide se reunir num local periodicamente para além de assistir, discutir e refletir sobre Cinema, damos o nome de Cineclube. Esta organização pode acontecer em qualquer esfera da sociedade e significa mais do que reunir um grupo de pessoas para assistir um filme, mas também propor uma reflexão e discussão sobre o que foi exibido. Conforme podemos verificar no site do Conselho Nacional de Cineclubes Brasileiros – entidade criada em 1961 que busca o desenvolvimento das políticas públicas para o audiovisual, participando das ações e propondo espaços para a expansão da ação Cineclubista no Brasil – os objetivos de um Cineclube basicamente são “refletir sobre a linguagem do Cinema, possibilitar a experiência fílmica como ferramenta de Educação, estimular o desenvolvimento do pensamento crítico e viabilizar ações concretas de intercâmbio entre

cineclubistas, realizadores, pesquisadores, críticos e pessoas que se interessam pelo Cinema como arte transformadora.”

O cineclubismo surgiu nos anos 20 do século XX na França. No Brasil ele surge em 1929, como resposta às salas comerciais que exibiam sempre as mesmas filmografias, assumindo então o papel de democratizar o acesso a diferentes filmografias. Foram os Cineclubes responsáveis pela formação Cinematográfica de grandes cineastas, entre os quais se podem destacar Glauber Rocha, Cacá Diegues, Jean-Luc Godard e Wim Wenders.

A importância da criação de um Cineclube numa escola vai além de divulgar a arte Cinematográfica e sua política de formação de público. Os filmes, exibidos com sua devida mediação, podem ser instrumentos potencializadores do conhecimento. Com as narrativas, as imagens saltam aos olhos e despertam para uma realidade de mundo, além de desenvolver nossa curiosidade em conhecer novos olhares e novos discursos.

A exibição da obra Cinematográfica escolhida não tem base em critérios comerciais, mas, sim, critérios artísticos, culturais, sociais e que fazem refletir. Somado a isso o público se envolve diretamente na escolha das obras a serem vistas. Esses filmes podem ser de curta, média ou longa-metragem e não tem intenções comerciais de exibição. Os Cineclubes são espaços de fruição, pesquisa e crítica Cinematográfica. Além disso, primam pelo direito do público no acesso ao audiovisual e na experiência compartilhada em assistir do Cinema. (FIGUEIREDO, 2006, p.37).

Percebemos que o Cineclube na escola torna-se um espaço de aglutinação e reflexão crítica. Bem mais que uma estrutura física, o Cineclube é, antes de tudo, um movimento de não apenas levar o Cinema para escola, mas de através dele estabelecer um espaço coletivo de apreciação da arte Cinematográfica.

Ao montar um Cineclube podemos também resgatar o prazer de ver filmes coletivamente, preservando o debate apaixonado ou simplesmente o bate-papo descontraído. Uma ação de indivíduos que preservam a paixão do encontro e do compartilhar. É neste entendimento que surge o **Cineclube Tantã**, do qual detalharei adiante, o Cineclube implantado na Escola Municipal Presidente Tancredo Neves, em Belo Horizonte.

A Escola Municipal Presidente Tancredo Neves (EMPTN) localizada na Região de Venda Nova, faz parte da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (RMEBH) e possui aproximadamente 450 estudantes, em turmas que contemplam estudantes do Terceiro Ciclo do Ensino Fundamental (12 a 15 anos) em dois turnos: manhã e tarde. Com um espaço físico privilegiado – composto por três quadras, sendo uma delas coberta; auditório, dois laboratórios de informática, cantina espaçosa, dezoito salas de aula e ampla biblioteca – e mais de 50 funcionários entre professores e técnico-administrativos, a EMPTN é referência na

comunidade em que está inserida. Inaugurada em 1985, é a escola que atuo desde abril de 2010 como Auxiliar de Biblioteca, em que mantenho um contato diário com os usuários da biblioteca – estudantes, professores, funcionários e comunidade – por meio das visitas orientadas e conversas informais no ambiente escolar. A “Biblioteca Carlos Drummond de Andrade” possui um espaço de 180m² e conta com acervo de mais de 10.000 documentos, dentre eles: livros de gêneros diversos, obras de referência, jornais, revistas, gibis, mapas, globos terrestres, CDs, DVDs e jogos pedagógicos. É uma biblioteca referência, e por isto, atende a toda a comunidade escolar e comunidade circunvizinha permanecendo aberta de segunda a sexta de 7hs às 18hs.

Como Auxiliar de Biblioteca realizo empréstimos dos materiais constantes no acervo à comunidade escolar e circunvizinha, auxilio os usuários em pesquisas, realizo atividades de registro, higienização e guarda dos materiais, oriento com relação às regras de funcionamento do espaço e aos cuidados com o acervo, cuido da aquisição de novas materialidades e ampliação do acervo, planejo e executo projetos em parceria harmoniosa e eficiente com a Auxiliar de Biblioteca Suzene Furtado da Fonseca.

A Biblioteca integra o Programa de Bibliotecas da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte que foi criado em 1997. Graças ao Programa, todas as escolas da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (RMEBH) possuem bibliotecas com profissionais concursados e especializados; com acervos diversificados, atualizados e de qualidade e a uma política própria de desenvolvimento do acervo.

Na RMEBH, a biblioteca escolar é concebida como um espaço múltiplo de cultura, ação pedagógica, produção de conhecimento e promoção de experiências criativas, é base para os trabalhos desenvolvidos na escola e deve estar a serviço de seu Projeto Político Pedagógico. Nessa perspectiva, a biblioteca faz a diferença na formação do educando, pois é explorada em todo seu potencial de espaço influenciador do gosto pela leitura e fomento à pesquisa escolar, sendo parte integral do processo educativo. (PAULA e BARROS, 2013, p.12).

Dentro desta perspectiva de trabalho e funcionalidade da Biblioteca Escolar e em conformidade com minha formação de Graduação em Cinema e Audiovisual, pelo Centro Universitário UNA de Belo Horizonte em 2011, nasceu o desejo de aliar a biblioteca escolar ao Cinema, pensando também na política de formação de público. Uma pesquisa realizada pelo Ministério da Cultura sobre a política cultural no Brasil, publicada no artigo “Democratização audiovisual em cartaz” da autora Priscila Fernandes constatou que 60% dos brasileiros nunca foram ao Cinema e que apenas 14% frequentam salas de exibição. Este número revela a distância que existe entre os conteúdos audiovisuais produzidos no país –

entre estes, as produções cinematográficas – e o acesso por estas obras pelo público. Criar mecanismos de acesso ao bem audiovisual, difundir e fazer circular o filme nacional para além das barreiras geográficas e sociais, formar plateia e agentes culturais, são alguns dos pontos defendidos pela autora para uma política de formação de público para a conquista de um Cinema brasileiro sólido, calcado numa relação madura entre público e arte.

No quesito Cinema versus público, diversas ações vêm sendo promovidas com vistas à democratização, que tangem desde a recuperação de obras audiovisuais e criação de mecanismos para o registro histórico até a realização de mostras, circuitos itinerantes, oficinas de capacitação e disponibilização de acervo. Nessa linha, surge a Programadora Brasil, uma iniciativa da Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura, viabilizada pela Cinemateca Brasileira e pelo Centro Técnico Audiovisual (CTAv), que tem por objetivo equalizar a demanda do cineasta pela exibição de sua obra e a necessidade cultural da população. Além disso, a Programadora contribui para a organização do acervo nacional, na medida em que reúne títulos de uma produção de cem anos de Cinema. (FERNANDES, 2012, web).

Através da Programadora Brasil, temos um exemplo de iniciativa que garante o acesso do cidadão ao bem audiovisual e promove o encontro público com o Cinema brasileiro. Ela oferece um grande acervo de filmes nacionais em mídia de DVD para que sejam exibidos em sessões públicas gratuitas e circuitos não comerciais. Acredita-se que a medida que os filmes tornam de conhecimento ao público, isto auxilia na criação de uma cultura Cinematográfica crítica.

De outro lado, entende-se que o Cinema pode ser um agente para produção de conhecimento dentro do ambiente escolar e na formação do gosto. O Cinema é um meio de expressão que interfere na maneira como o homem se vê, na forma como este concebe a si mesmo e a realidade que o cerca. Não apenas pelo deslumbre inicial frente a imagem em movimento do Cinema, fato que marca a busca pela invenção, mas pelo modo tal qual este veículo de comunicação veio a remodelar as próprias relações sociais. Neste sentido, Rosália Duarte afirma que:

(...) ir ao Cinema, gostar de determinadas Cinematografia, desenvolve os recursos necessários para apreciar os mais diferentes tipos de filmes etc., longe de ser apenas uma escolha de caráter exclusivamente pessoal, constitui uma prática social importante que atua na formação geral das pessoas e contribui para distingui-las socialmente. Em sociedades audiovisuais como a nossa, o domínio dessa linguagem é requisito fundamental para se transitar bem pelos mais diferentes campos sociais. (DUARTE, 2002, p.14).

Percebe-se a necessidade de uma Educação de base audiovisual, pois “a inserção de crianças e jovens no mundo das artes permite a aquisição de ferramental necessário à

decodificação e fruição do universo simbólico e estético.” (FERNANDES, 2012, web) Por isso, o Cinema na escola pode ser inserido não apenas como recurso pedagógico, mas como linha de pensamento que inclui o Cinema como formador de gosto e conhecimento estético.

Este reconhecimento sobre a importância de uma formação de gosto e importância da arte Cinematográfica aparece também como política pública através da Lei nº 13.006 de 27 de Junho de 2014, que torna a exibição de filmes e audiovisuais de produção nacional obrigatória nas escolas de ensino básico por, no mínimo, duas horas mensais, tornando-se componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola a exibição de filmes nacionais.

No texto em que justifica a lei, o Senador Cristovam Buarque considera que:

A arte deve ser parte fundamental do processo educacional nas escolas. A ausência de arte na escola, tira deles um dos objetivos da Educação que é o deslumbramento com as coisas belas. O Cinema é a arte que mais facilidade apresenta para ser levada aos estudantes nas escolas. O Brasil precisa de sala de Cinema como meio para atender o gosto dos brasileiros pela arte e ao mesmo tempo precisa usar o Cinema na escola como instrumento de formação deste gosto. O Brasil precisa criar o gosto pelo Cinema e ampliar a indústria Cinematográfica. A única forma de dar liberdade à indústria Cinematográfica é criar uma massa de cinéfilos que invadam nossos Cinemas, dando uma economia de escala à manutenção da indústria Cinematográfica. Isso só acontecerá quando conseguirmos criar uma geração com gosto pelo Cinema, e o único caminho é a escola. A maneira, nos parece, é oferecer Cinema às crianças na escola, desde os seus primeiros anos escolares. É com esse objetivo que este projeto de lei determina a inclusão da assistência a audiovisuais ao longo da Educação Básica. (BUARQUE, 2008, p.2).

Sendo assim, criando uma efetiva articulação entre o Cinema e Educação, o Cineclube funciona como um ótimo meio que atenderia os dois pontos que defendi anteriormente: tanto o da formação de público, quanto da formação do indivíduo e do gosto. Mas aonde seria a exibição destes filmes? Ora, na biblioteca, este principal espaço de disseminação de cultura dentro do ambiente escolar.

4. LUZ, CÂMERA, AÇÃO!

As folhas de outono já haviam amarelado e a temperatura caía lentamente sinalizando os primeiros sinais que antecedem a chegada do inverno, quando 80 jovens estudantes entre 13 e 15 anos da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, testemunharam um feixe de luz projetar cores numa sala de Cinema contando a história do Bruno, de 16 anos, habitante de uma pequena cidade localizada no alto de uma montanha no sul do Brasil com seus medos, aflições, expectativas e vivências comuns de qualquer adolescente. O filme *Morro do Céu* (2009), documentário do gaúcho Gustavo Spolidoro, ganhava a tela de Cinema da antiga fábrica de tecidos datada de 1908 e parte do complexo histórico-cultural da Praça da Estação no centro da cidade por onde circulam uma média de 150 mil pessoas por dia. Foi ali que chegou todo o material necessário para a construção da nova capital das Minas Gerais, e era naquele mesmo local, como numa obra escrita por um roteirista, que aqueles jovens estudantes “adentravam” na experiência Cinematográfica na antiga fábrica que deu lugar em 2009 ao Espaço Cultural CentoeQuatro.

Foco de ocupação e produção artística, o CentoeQuatro sinalizou uma retomada da função simbólica da Praça da Estação: conectar Belo Horizonte com o resto do mundo. E foi exatamente isto que aconteceu para aqueles adolescentes no dia 28 de maio de 2014 quando a realidade do mundo deles encontrou com a realidade projetada na tela do adolescente Bruno por meio do Projeto “A Escola vai ao Cinema”. Com a intenção de conceber o Cinema além do entretenimento, o Projeto propõe o contato de estudantes com importantes filmes da cinematografia brasileira em sessões comentadas por um especialista e debatidas com os presentes.

Neste dia específico, foram duas sessões, a primeira no turno da manhã e a segunda no turno da tarde com os respectivos estudantes de cada turno. A identificação dos jovens estudantes com o filme foi imediata, diferente da relação que eles tiveram com o espaço que começou tímida e contida. Por não terem muito acesso a espaços culturais, os jovens estudantes pareciam “um peixe fora d'agua”: não conheciam aquele lugar, nunca estiveram ali. Também desconheciam que era um local aberto para quem quisesse entrar e transitar. Alguns estranharam que naquele local pudesse existir um Cinema, acostumados com as salas *multiplex* dos shoppings centers, caracterizadas como espaço de várias salas de exibição acompanhado por uma série de outros serviços, que vão desde uma simples *bomboniere* até um salão de jogos, onde o público pode divertir-se antes e depois das sessões.

Ao entrarem na sala de projeção, os jovens estudantes ficaram mais a vontade por ser um lugar mais familiar para eles. Todos já haviam assistido filmes em salas de Cinema, seja

por incentivo de familiares que os levou ou em outras excursões promovidas pelo sistema de ensino. No CentoeQuatro, eles puderam levar lanches para degustarem durante a exibição do filme e, apesar da agitação inicial, concentraram-se e prestaram atenção, tão logo começaram os créditos iniciais. Ao final do filme, participaram do debate mediado pela educadora Mariana Souto, doutoranda em Comunicação Social pela UFMG e mestre pela mesma universidade, em que pesquisa sobre Cinema brasileiro. Mariana pontuou características do filme como a linguagem, a possibilidade de usar um material captado de forma documental para organizá-lo tal qual um filme de ficção, construindo-se uma dramaturgia, estreitando-se os limites do documentário e ficção. Foram pontuados também a questão do desfecho da personagem principal não ser feliz como na maiorias dos filmes em que os jovens estudantes tem o hábito de assistir, bem como a proposta artística apresentada pelo filme com planos abertos, em movimentos, agregando a um convite à reflexão entre as diferenças da vida do adolescente da serra gaúcha e os adolescentes da capital mineira.



Figura 1 - Visita ao Cinema do CentoeQuatro
Fonte: Fotografia do autor

No momento de ir embora, ao questionar alguns jovens estudantes o que acharam da experiência, eles me relataram a alegria de terem participado e disseram que haviam gostado muito; do quão agradável tinha sido aquele momento. Outros perguntaram quando voltaríamos ali novamente ou se poderiam vir com os pais, irmãos, primos, outros familiares ou amigos para mostrarem o espaço. Um saldo positivo, considerando que aquela experiência no CentoeQuatro foi o primeiro passo na proposta de intervenção a ser desenvolvida na EMPTN: a criação de um Cineclube para exibição de filmes no ambiente escolar.

No caso da EMPTN, o Cineclube teve como proposta a exibição de filmes de diferentes cinematografias, com a intenção de inserir o Cinema no cotidiano da escola. Para isto, a cada 15 dias, durante cinco sextas-feiras, uma turma de estudantes do 3º ano do 3º ciclo do ensino fundamental, com idade entre 13 e 14 anos, participaria de uma projeção fílmica na biblioteca da escola. Os curtas-metragens seriam apresentados em blocos, totalizando sempre 40 minutos de projeção. Após a exibição, os estudantes ficariam a vontade para opinarem sobre o que assistiram, despertando assim a sensibilidade fílmica dos jovens estudantes, proporcionando uma experiência cultural por meio da exibição de filmes, ampliando o repertório cinematográfico dos estudantes através da cinematografia nacional e estrangeira, bem como introduzindo as linguagens audiovisuais e seus gêneros (ficção, documentário, etc). Pretendia-se promover momentos de encontro e convívio entre as diferentes turmas da escola, professores e funcionários e debater temáticas políticas, sociais e culturais de relevância tanto para o estudante como para a comunidade escolar. Eventuais excursões ao Cinema, como a ocorrida no CentoeQuatro serviriam para incentivar a ida ao Cinema.

Em relação ao nome do Projeto, **Cineclube Tantã** foi um nome sugerido pela professora Glesse. Tantã além de ser um apelido que remete ao nome da escola é também o nome de um instrumento de percussão, originário da China, formado de uma placa circular de metal suspensa verticalmente, e que produz som cavernoso e estridente (uma espécie de tambor africano). Na gíria, tantã também significa doido, louco. Loucos por Cinema!



Figura 2 - instrumento de percussão tantã
Fonte: <http://www.yourepeat.com/g/tantã>

5. PROBLEMAS À VISTA!

Atuando na Biblioteca da escola, observo a frequência e as práticas de leitura do público-alvo, os problemas e as iniciativas em resolvê-los, as propostas e projetos bem sucedidos e os insucessos dentro do ambiente escolar. Ao mesmo tempo em que o espaço de leitura está inserido dentro da escola e participa de seu projeto político-pedagógico, ele é um espaço que possui por si uma pulsação própria, independente do funcionamento da escola. Prova disto é que a biblioteca permanece funcionando durante as férias escolares dos estudantes ou durante alguns recessos estudantis. Em contrapartida, este espaço necessita da infraestrutura da escola para desenvolver-se e manter-se. Apesar de sua autonomia, a Biblioteca tem a necessidade de desenvolver projetos em conformidade com a realidade da escola, capazes de aproveitar experiências anteriores bem sucedidas, unir os diferentes turnos em torno de um propósito único, estabelecendo parcerias com o corpo docente na prática educacional, a fim de transformar a realidade pela reflexão consciente e crítica da prática.

Poderia relatar aqui os problemas comuns a qualquer escola e que também são da EMPTN, mas esta não é a intenção deste trabalho. Porém, gostaria de descrever os problemas encontrados que dificultaram o desenvolvimento do Cineclubes Tantã.

No momento da decisão de se realizar o projeto, o ano letivo de 2014 teria algumas mudanças significativas. A primeira delas é a chegada de uma interventora na instituição de ensino. Após um período conturbado de divergências entre a antiga direção e parte do corpo docente da escola, a Secretaria de Educação optou por enviar uma pessoa de sua confiança para a gestão. Esta nova gestora, encontrou um grupo dividido e problemas de organização escolar tais como a não permanência dos estudantes na sala de aula, tráfico de drogas nas dependências e adjacências, alto índice de violência com implosão de bombas periodicamente, depredação do patrimônio público com paredes pichadas e alta rotatividade dos funcionários. Além disto, a infraestrutura da escola estava bastante debilitada, visto que era um prédio de mais de 20 anos que nunca havia passado por uma reforma. A troca dos pisos de toda a escola, bem como adaptações de acessibilidade e pintura seria efetuada naquele ano.

Como 2014, foi o ano da realização da Copa do Mundo FIFA no Brasil e Belo Horizonte seria uma das cidades sedes, o calendário escolar antecipou as férias de julho para o período do mundial de futebol, que ocorreu entre os dias 12 de junho e 13 de julho. Pouco antes deste recesso, nós funcionários da biblioteca fomos informados que deveríamos retirar todo o material da biblioteca, pois as máquinas chegariam para quebrar o piso e fazer a instalação do novo. Além de todo o acervo que deveria ser organizado e guardado num outro

espaço, deveríamos retirar também o mobiliário da biblioteca. Esse processo foi feito às pressas nas duas semanas que antecederam o mundial. A previsão era de que a biblioteca seria reformada durante o recesso para que desse tempo de reorganizar o espaço e o mesmo voltasse ao seu funcionamento normal em agosto. Ocorreram atrasos na obra, e a biblioteca ficou pronta somente no início de agosto, quando fomos informados pela interventora que a mudança da biblioteca deveria ser uma prioridade em nosso cronograma e serviços. Com isto, levamos 30 dias para organizar a biblioteca em seu espaço reformado para, enfim, no dia 23 de Setembro ela ser reaberta. Portanto, entre os dias 30 de maio e 23 de setembro fui impossibilitado de realizar qualquer exibição no Cineclubes Tantã.



Figura 3 - Reforma da escola
Fonte: Fotografia do autor

Retomado o funcionamento da Biblioteca, comecei a me programar para as exposições, com a aquisição de materialidade para o Projeto. Era necessário comprar uma televisão LED para a biblioteca ou um projetor multimídia. Fui informado pelo gestor financeiro da escola, que poderia fazer a cotação de preços para a televisão que havia uma verba federal disponível. Fiz as cotações e repassei para o responsável concretizar a compra. Compra que viria a ser finalizada dois meses após esta cotação inicial, tornando a TV disponível para instalação na biblioteca apenas nos meses de dezembro, mas o profissional que realizaria a instalação estava de férias. Neste tempo, apesar da proposta inicial ser de exposições de filmes no espaço de leitura da escola, procurei outros locais para realizar a exibição, porém como a escola ainda permanecia em reforma, muitas salas estavam sendo utilizadas em sistema de rodízio em

conformidade com o cronograma de obras e outros espaços da escola, como o auditório e os laboratórios que poderiam ser locais para exibição estavam sendo utilizados como sala de aula ou para outras atividades. Naquele momento havia alguns profissionais da escola, desgastados pela reforma em seu ambiente de trabalho e os transtornos causados por ela, necessitaram se afastar para cuidados médicos.

Com isso, me deparei de frente com os seguintes desafios: a urgência de um replanejamento e execução do Cronograma de Exibição e o entendimento da valorização de todos os profissionais envolvendo os diversos setores da escola que estavam lidando com essa situação atípica e desgastante. Via diante de mim, duas opções: ou realizaria as exposições às pressas no mês de dezembro, no fim do ano letivo ou aceitaria que aquele poderia ser o desenrolar do meu trabalho, que apesar da intenção de se implantar o Cineclube Tantã na EMPTN, me deparei com situações que fugiram ao meu controle. Realizar o projeto às pressas e, num momento de fechamento de ano letivo, não traria o mesmo aproveitamento que teria se ele fosse realizado no decorrer do ano. Em dezembro, os estudantes já estão impacientes e cansados de um ano inteiro de estudos, os profissionais da escola também. É como se todos tivessem contando os dias para suas merecidas férias. A segunda opção era mais frustrante ainda: propor um projeto e não conseguir realizá-lo gera uma sensação de incompetência e desmotivação. Principalmente quando sabemos que as situações que levaram a não execução eram fatores atípicos, imprevisíveis dentro do planejamento. Estava, portanto, “num beco sem saída”.

6. LUZ NO FIM DO TÚNEL

A motivação é um processo que engloba motivos intrínsecos e extrínsecos de cada pessoa, motivos esses construídos nas interações sociais, desde a infância, e que acabam se efetivando na intrapessoalidade. Dessa forma, a cada nova situação vivenciada, novos motivos poderão ser construídos. Por isso, entender a motivação em cada pessoa é, antes de tudo, perceber e entender o ser humano com características e subjetividades próprias, é conceber o desenvolvimento e a aprendizagem como um processo que acontece ao longo da vida de cada um. (SANTOS, 2008, p.299).

Bettina dos Santos (2008) em seu artigo "Processos motivacionais em contextos educativos", realiza três estudos empíricos sobre a temática motivação, visando identificar e conhecer elementos relevantes do contexto educativo, relacionados com os processos motivacionais dos agentes do ensino e da aprendizagem, considera que a motivação envolve uma ação conjunta entre fatores externos tais como estímulo e incentivo, como também, fatores internos que englobam a autorrealização e o desejo do indivíduo de renovar-se e reciclar seu potencial. Tal ideia reforça a concepção de que, apesar das dificuldades encontradas em nossa caminhada não devemos desistir, pelo contrário, devemos olhar para as pedras no caminho – como bem escreveu Carlos Drummond de Andrade – e resolver o impasse diante dos obstáculos, que podem parecer triviais, mas são capazes de gerar uma reflexão espantosa. Assim como o poeta estava diante da pedra, estava eu diante do meu problema. Refleti: porque não aprender com esta situação, recolher as pedras do caminho e construir com elas uma nova possibilidade?

Foi quando me lembrei da seguinte afirmação da Adriana Fresquet (2005) sobre a importância do Cinema no contexto da Educação: ao trabalharmos com Cinema nas escolas “não estamos apenas apreendendo informações, e sim agitando sentimentos, ativando a curiosidade e, quem sabe, até mobilizando novas buscas e significação para a própria vida.” (FRESQUET, 2005, p.56). Percebi então que a primeira lição que aprenderia ao inserir o Cinema na Educação seria um aprendizado próprio: não desistir na primeira dificuldade e tampouco desanimar, necessários são as várias tentativas para aprender e crescer.

Até que uma informação chegou a mim: durante as férias a Prefeitura de Belo Horizonte proporciona algumas atividades aos estudantes. Mediante uma inscrição prévia, o Projeto “Férias na Escola” que acontece desde 2009 no período das férias de janeiro nas escolas da Rede Municipal de Educação. Durante duas semanas, os estudantes participam de uma programação que inclui excursões e oficinas de lazer, recreação, esportes, dança, teatro e artes. Neste período, as crianças e os adolescentes têm a oportunidade de vivenciar os espaços

da escola sem o rigor do dia a dia da sala de aula. Uma oportunidade perfeita para o Cineclubê Tantã entrar em cartaz!

O Projeto Férias na Escola de 2015 aconteceu entre os dias 19 e 23 de janeiro e proporcionou aos jovens estudantes diversas atividades, oficinas e excursões. Entre as atividades tínhamos brincadeiras, cama elástica, pula-pula, futebol de sabão e recreações. Dentre as oficinas, estavam presentes as de informática, dança, *taekwondo* e o Cineclubê. Os jovens estudantes também tiveram a oportunidade de visitar o zoológico de Belo Horizonte. A escola também servia café da manhã e almoço para os participantes que poderiam ser crianças e adolescentes entre 07 e 14 anos, moradores da comunidade ao redor que se inscreviam previamente.

Na programação, o Cineclubê Tantã ofereceu 03 exibições de curtas-metragens. Duas delas ocorreram no dia 22 de janeiro e a terceira no dia 23 de janeiro. Tivemos mais de 50 participantes, e a maioria avaliou a oficina como “Ótima”.

Como não pude realizar a exibição na biblioteca como gostaria – pela indisponibilidade da instalação da TV LED que solicitei e corri atrás para a compra – precisei pensar o lugar de exibição na escola. Na EMPTN temos algumas salas com aparato técnico para exibição de filmes como a sala de música e uma sala de aula. Porém o melhor espaço dentre estes – e o maior também – era o auditório. No auditório teria a minha disposição um projetor multimídia, com um sistema de som atrelado e um aparelho de DVD, além da possibilidade de ligar todo este aparato a um computador portátil. Preferi utilizar meu notebook, de uso pessoal, pois poderia preparar os filmes que exibiria antes em casa e teria a tranquilidade de saber que não encontraria problemas de falta de compatibilidade típica de meios eletrônicos. Os filmes foram baixados pela internet e, às vezes, um arquivo precisa de *plug-ins* ou *codecs* (softwares utilizados para compactar áudio e vídeo para diminuir o tamanho final dos arquivos para armazenamento) para sua exibição que se não tiverem instalados na máquina que deseja fazer a exibição, torna-se inviável a mesma.

Preparei o auditório dispondo as cadeiras em formato de teatro, enfileiradas e organizadas. Como o espaço era grande, coube uma média de 60 assentos para os estudantes. Sabia que na maior parte das vezes, nem todas estas cadeiras seriam utilizadas, mas priorizei essa organização para que os jovens estudantes logo que chegassem tivessem uma identificação rápida com o espaço de modo que remetesse a uma sala de Cinema.

Para escurecer a sala, fechei as janelas e deixei todos os ventiladores ligados para que houvesse circulação do ar. Como o auditório possui uma espécie de palco, organizei ali umas mesas com cadeiras, em forma de seminário, para que, caso tivesse a oportunidade, pudesse

receber alguns convidados para comentarem os filmes. Ao fundo deste palco, havia a tela de exibição e uma parede pintada pelos estudantes com imagens que acabavam disputando a atenção com o que era exibido e, ao reparar este problema, providenciei um tecido não tecido (T.N.T.) na cor preta que afixei na parede com fita crepe. Infelizmente, durante o segundo dia de exposições, este tecido soltou evidenciando a parede pintada. A seguir, uma imagem que mostra o auditório preparado para receber os estudantes que participaram do Cineclube Tantã.

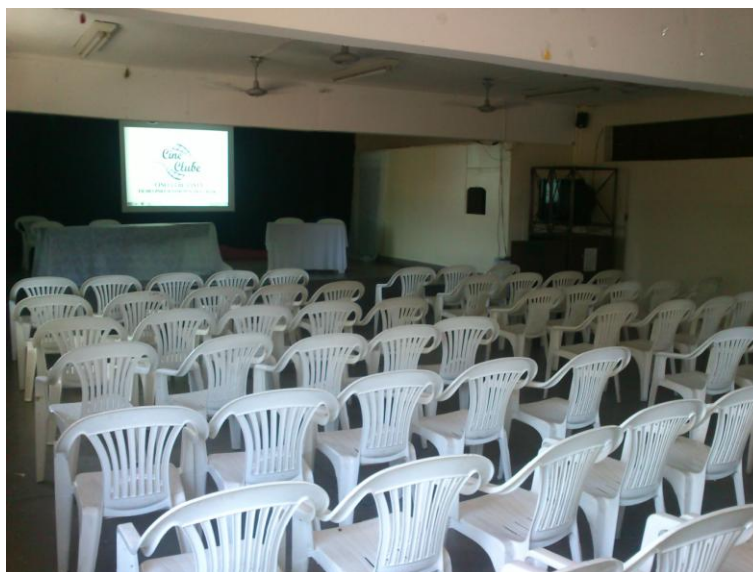


Figura 4 - Auditório montado para o Cineclube Tantã
Fonte: Fotografia do autor

A primeira sessão foi realizada no dia 22 de Janeiro logo após o café da manhã, às 9h30min. Nela estiveram presentes 11 jovens estudantes com idades entre 9 e 13 anos. Foi uma sessão em que os participantes se inscreveram voluntariamente e deixei-os livres para entrar e sair quando quisessem, pois considerei importante observar como eles agiriam no decorrer da exibição. Apresentei a proposta para eles, que era a exibição de cinco curtas-metragens e questionei se eles tinham alguma experiência fílmica: todos tinham o hábito de assistirem filmes, já haviam ido ao Cinema pelo menos uma vez e citaram filmes da produção hollywoodiana como exemplos de filmes que gostavam. Muitos foram ao Cinema na companhia e incentivados por familiares, principalmente pais e mães, apesar de existir casos em que esta experiência foi proporcionada por tia ou tio.

Os filmes escolhidos para esta primeira sessão foram curtas-metragens produzidos pela empresa de animação digital norte-americana Pixar Animation Studios, pertencente à The Walt Disney Company e referência em animação, sendo premiada diversas vezes. Surgindo como uma divisão da LucasFilm (empresa produtora de filmes e televisão, fundada

por George Lucas, em 1971), a Graphics Group - como era conhecida na época - foi vendida em 1986 para Steve Jobs e então rebatizada de Pixar, tendo como seu principal produto o computador Pixar Image Computer que fornecia a matéria-prima para a Walt Disney Pictures.

Mais tarde a Disney e a Pixar desenvolveram o *CAPS*, um software que possibilitava a colorização da animação tradicional no computador. Contudo, o Image Computer nunca fez muito sucesso e na tentativa de aumentar as vendas, John Lasseter, um dos empregados, produzia curtas animados como Luxo Jr. que revelavam as capacidades do aparelho. Em seguida a divisão de animação passou a fazer comerciais. Porém, Jobs gastava tanto dinheiro na companhia, que reconsiderou a ideia de vendê-la em 1991, quando após demissões em massa, a Pixar fechou contrato com a Disney para fazer três longas-metragens animados, o primeiro sendo Toy Story, lançado nos Cinemas em 1995. Após o sucesso deste primeiro longa, a empresa se como firmou referência na área da animação, produzindo dezenas de curtas e longas metragens, até os dias de hoje, com grande distribuição e sucesso de público e crítica.

A escolha de fazer uma primeira exibição somente com curtas-metragens da Pixar se deu pelos seguintes motivos: primeiro, pela admiração que tenho pela produtora e importância dela na história da animação mundial; segundo, por ser uma linguagem que os jovens estudantes estão mais habituados e tiveram algum contato, optando por curtas que não tiveram tanto apelo comercial quanto seus longas-metragens; terceiro, por serem curtas premiados e considerados importantes dentro do gênero da animação.

Este primeiro encontro, teve como objetivo mostrar aos jovens estudantes o que é um Cineclube e como funciona. Por isto, para conseguir uma melhor “adaptação”, pensei em trazer filmes um pouco mais próximos de suas realidades, antes de introduzir Cinematografia e linguagens diferentes para que não houvesse nenhum estranhamento e, por consequência, uma resistência à atividade. Esta sessão teve uma duração total de 26 minutos, sendo dividido em um bloco com cinco curtas-metragens:

- Coisas de Pássaros (2000) 3:25min
- Parcialmente Nublado (2009) 5:45min
- La Luna (2010) 6:53min
- Dia & Noite (2010) 5:57min
- A Banda de um Homem Só (2005) 4:33min

Antes de iniciar a sessão, enquanto os jovens estudantes chegavam do café, deixei rolando o curta-metragem *Aquarela*, dirigido por André Koogan Breitman e Andrés Lieban. A animação com trilha homônima de Toquinho, Vinicius, Morra e Fabrizio faz uma metáfora entre a vida, do nascimento à morte, e uma pintura de aquarela que, com o tempo, descolore. Queria criar um ambiente agradável e acolhedor a todos que comparecesse ali. A exibição do curta desde a entrada, também já atraía atenção para a tela e ajudava a não se dispersarem tanto. Mesmo comparecendo voluntariamente, percebi que muitos dos jovens estudantes tinham um desinteresse inicial, pois acharam que iriam apenas assistir a um filme sem alguém intermediando aquele momento. Eles sentaram pela sala na seguinte disposição: 7 mais próximos da tela, juntos, e 3 separados, no fundão. Quando me apresentei e comecei a conversar com eles sobre o que era um Cineclube, como funcionava, as experiências anteriores com filmes consegui pouco a pouco a fazê-los entender o motivo de estarem ali e ao início do primeiro curta-metragem, todos ficaram em silêncio, concentrados.

O primeiro filme, *Coisas de Pássaros* (em inglês, *For The Birds*) dirigido por Ralph Eggleston era um curta-metragem de animação que se passa em cima de uma linha de transmissão e conta a história de um grupo de pássaros que se sentem incomodados com um pássaro de outra espécie, que quer juntar-se a eles. O curta foi o vencedor do Oscar de Melhor Curta Animado 2002. Os jovens estudantes prestaram atenção e estranharam a duração da animação. Quando acabou perguntaram se acabou e se deveriam ir embora, quando repeti que eram cinco pequenos filmes juntos. Iniciou-se então o segundo curta-metragem chamado *Parcialmente Nublado* (em inglês, *Party Cloudy*) dirigido por Peter Sohn que conta a história de uma nuvem que "cria" filhotes para as cegonhas levarem, só que essa nuvem é diferente das outras, pois os filhotes que ela "cria" são uma ameaça para seu companheiro cegonha, então a cegonha aparentemente desiste de levar os filhotes da nuvem, fazendo com ela fique triste. Os jovens estudantes se divertiram bastante com este curta-metragem. Riram e comentaram sobre entre si durante a exibição. Era natural ouvir expressões como “que doido!”, “que paia!” a medida que os filmes ganhavam a tela de projeção. Interessante: um garoto sentando ao fundo, sempre aplaudia calorosamente todas as vezes que um curta acabava, o que acabava puxando a palma coletiva.

O terceiro curta-metragem era *La Luna* (sem tradução do original) dirigido por Enrico Casarosa é uma fábula atemporal de um garoto que está indo trabalhar pela primeira vez com seu pai e seu avô. Eles vão um velho barco de madeira e depois de remar mar adentro, e sem terra à vista, param e esperam. Até que uma grande surpresa aguarda o menino quando ele descobre o inusitado trabalho da sua família que é varrer as estrelas na lua, de modo a

modificar seu brilho fazendo referência as suas diferentes fases (crescente, minguante, cheia). Dentre os cinco, era o único que era mais reflexivo que engraçado. Talvez por isto, alguns jovens estudantes já pareciam mais inquietos e ansiosos para ir embora.

Mesmo assim, sentaram e assistiram o quarto curta-metragem *Dia & Noite* (em inglês, *Day & Night*) dirigido por Teddy Newton que aborda os eventos que ocorrem quando o dia vira noite. Sendo duas personalidades diametralmente opostas, eles competem entre si sobre os acontecimentos típicos do dia e da noite até descobrir os aspectos positivos de cada um de formar uma amizade. O curta é em grande parte animação 2D, onde o dia e a noite são silhuetas que tem o mundo sendo exibido dentro de seus corpos e acabam se interagindo mostrando um para o outro a sua diversidade. Não possui nenhum diálogo, apenas as ações dos personagens e sons de animais ou do ambiente. A música é bem animada, e talvez por este motivo, tenha animado os jovens estudantes. Em um bate-papo após as exibições, os jovens estudantes relataram que este foi o curta-metragem que mais gostaram.

O quinto e último curta-metragem, *A Banda de Um Homem Só* (em inglês, *One Man Band*) de Andrew Jimenez e Mark Andrews conta uma história que se passa em uma praça num pequeno vilarejo, onde está um músico que toca diversos instrumentos sozinho, e uma garota, que iria jogar sua moeda num poço de desejos. Atraída pela diferente maneira do músico, a garota resolve dar a moeda para ele, mas, de repente, aparece outro músico, que também toca diversos instrumentos sozinho. A garota fica atraída pelo novo músico. Acontece um duelo de músicos, cada qual tentando ganhar a moeda da garotinha. Com o duelo, a moeda da garota caía em um bueiro. Triste por ter perdido sua moeda, ela pede aos músicos dinheiro, mas nem um deles tinha dinheiro, ela fica nervosa e pede um dos instrumentos musical. Um dos músicos dá a ela um violino, ela começa a tocar, e surpreendendo os músicos pela sua performance. A garota acaba ganhando um saco cheio de moedas, então os músicos pedem moedas, mas ela as joga no poço. Durante esta exibição, o que me chamou a atenção foi o fato do filme ser mais musical e um menino dançou na cadeira!

Ao final da exibição, os jovens estudantes aplaudiram e conversamos sobre o que haviam visto. Conteí um pouco sobre a história da Pixar, perguntei o que acharam dos filmes, qual gostaram, qual não gostaram muito. Eles amaram *Dia & Noite* e *Parcialmente Nublado*. Curtiram menos o *La Luna*. Todos assinaram uma lista de presença e, de acordo com as regras do Projeto Férias na Escola deveriam avaliar a oficina: 3 gostaram, 7 adoraram, 1 não opinou.

No mesmo dia, fui convidado a realizar uma segunda sessão que seria após o almoço dos jovens estudantes. Desta vez, me informaram que a adesão não seria voluntária e grande

parte seriam encaminhados para o auditório para que fizesse uma exibição para eles. Mais de 30 jovens estudantes, entre 9 e 14 anos compareceram para esta sessão. O auditório encheu. Todos estavam muito agitados e não se concentravam. Tive muita dificuldade de aquietar os jovens estudantes e explicar o motivo por que estavam ali. Eles conversavam entre si, empurravam uns aos outros e teve um que chegou a pegar uma cadeira e ameaçou jogar no colega. Não consegui controlá-los; ao mesmo tempo que percebia que os jovens estudantes que sentaram mais próximo da tela de exibição, à frente, estavam interessados, mas os que estavam desinteressados atrapalhavam toda a sessão.

Os curtas-metragens exibidos foram idênticos ao da primeira sessão. Ao iniciar a exibição, a turma aquietou-se, mas ainda sim, tínhamos uns 15 que faziam bastante bagunça. Diante desta realidade, falei que quem quisesse sair, poderia ficar a vontade, mais da metade saiu em debandada, não sem antes, assinarem a lista de presença do qual fizeram questão. Aos poucos um ou outro também saiu, permaneceram 11 jovens estudantes até o fim. Com estes, a sessão correu tranquila. Eles se divertiram com os filmes e gostaram da experiência. Também conversei com eles após a sessão e estes 11 avaliaram a oficina: 4 gostaram, 7 adoraram.



Figura 5 - Os jovens estudantes acompanham a exibição dos curtas-metragens
Fonte: Fotografia do autor

A terceira sessão ocorreu no dia seguinte, 23 de janeiro após o café da manhã. Compareceram 11 jovens estudantes novamente, sendo a maioria que compareceu no dia anterior. Na chegada, eles estavam mais curiosos, perguntando se repetiria os filmes do dia anterior ou se teria filmes novos. Perguntavam também se dessa vez passaria um filme mais longo ou se seriam filmes curtos. Expliquei que passaria novamente cinco curtas, mas que

alguns destes curtas seriam mais longos do que o do dia anterior e que, dessa vez teríamos animações feitas no Brasil. Os curtas-metragens falam sobre relacionamentos, solidão e memória. Esta foi a linha de seleção, a fim de despertar a sensibilidade dos telespectadores, tanto com histórias que abordam os relacionamentos de maneira bem humorada, quanto aquelas que não possuem finais felizes. Existe uma impressão nos jovens estudantes que todo filme necessita ter um final feliz, positivo, pra cima. Filmes com finais diferentes tendem a trazer uma reflexão maior em todos. A sessão teve duração de 45 minutos, com os seguintes curtas-metragens:

- Hotel do Coração Partido (2006) 5min
- Relacionamentos (2003) 5min
- O Céu no Andar de Baixo (2010) 15min
- A casa de Pequenos Cubinhos (2008) 12min
- A Menina do Algodão (2002) 8min

O primeiro curta-metragem, *Hotel do Coração Partido* de Raoni Assis mostra como se dá os relacionamentos de Ronaldo. Ou melhor, como Ronaldo estrutura seus amores e amizades através de personagens que são narrados no decorrer da história. O hotel do título, é uma alusão ao coração do personagem. Perspectiva mais positiva sobre os relacionamentos traz o segundo curta-metragem, *Relacionamentos* de Gordeeff que através de formas geométricas diferentes ou semelhantes tentam “se encaixar” e se complementarem. A empolgação dos jovens estudantes nestas duas primeiras exposições era grande. A trilha sonora do segundo curta, ponto forte do filme, fizeram com que eles se divertissem bastante. Riram, aplaudiram. Um sucesso!

O terceiro curta-metragem, *O céu no andar de baixo* de Leonardo Cata Preta, conta a história de Francisco que desde os 12 anos de idade faz fotografias de céu. Um dia, algo diferente aparece em uma de suas fotografias mudando a sua rotina: uma paixão. Já o quarto curta-metragem, *A casa de pequenos cubinhos* (no original: Tsumiki no ie) do japonês Kunio Katô, conta a história de um velhinho que vive solitário em uma cidade inundada. À medida que a água sobe, o senhor eleva sua casa com pequenos tijolos em forma de cubos, para se manter fora do nível do lago sobre o qual vive. Então, um dia, seu cachimbo favorito cai e vai parar em um andar mais baixo de onde sua real moradia encontrava-se naquele momento. Muito apegado ao cachimbo, ele decide comprar uma roupa de mergulho e ir atrás dele. Ao mergulhar, passa a reviver toda a história dele, de sua família e, claro, a da casa, cujos vários

andares, agora estão todos submersos. Duas histórias tocantes exibidas em mais de 10 minutos de projeção cada uma, que fez com que os jovens estudantes ficassem mais inquietos em suas cadeiras, distraídos e o fato de não trazerem um final alegre, também causaram neles um certo estranhamento. Dois garotos chegaram a sair da projeção durante estas exhibições, e outros dois chegaram.

O quinto e último curta-metragem exibido era uma experimentação, tanto em sua estética propriamente dita, quanto na sua proposta de exibição. Era um curta-metragem de terror e suspense. *A Menina do Algodão* de Daniel Bandeira, Kleber Mendonça Filho retrata a conhecida lenda da “loira do banheiro” quando mostra um vigia de escola que precisa ir ao banheiro durante seu turno noturno e é atacado por um fantasma. O espírito se tratava de garotinha com algodão na boca, ouvido e nariz e aterrorizava as crianças que frequentavam os banheiros de escolas particulares e públicas. O curta tem um ar claustrofóbico mesmo quando o cenário não é o banheiro, e o som é muito bom e elemento fundamental para dar o ar de suspense que fica no ar. Os jovens estudantes gostaram muito da exibição. Alguns chegaram a tampar os olhos para não ver, representando o medo que ficaram.

Ao final da sessão conversei com todos novamente para saber o que tinham achado dos filmes e eles afirmaram que os que mais gostaram foram: o de terror e a animação *Relacionamentos*, mas que não teve nenhum que não tivessem gostado. Um fato interessante que ocorreu, foi um garoto que pediu que reprisasse o curta-metragem *Dia & Noite* que havia exibido no dia anterior. Após a avaliação da oficina, onde 9 avaliaram como ótima e 2 avaliaram como gostei, reipsei o curta conforme haviam pedido e ele ficou assistindo.

7. CONCLUSÃO

Quando propus a criação do Cineclube Tantã na tentativa de através dele poder desenvolver a prática de exibição de filmes na escola possibilitando a inserção desta arte no cotidiano da escola, não imaginava os desafios que encontraria. A motivação inicial fomentada através dos textos e conceitos trazidos por Alain Bergala, Adriana Fresquet, Rosália Duarte, Bergala, Inês Assunção de Castro Teixeira e José de Sousa Miguel Lopes que trouxeram um maior entendimento sobre o Cinema na Escola me possibilitou traçar uma estratégia para esta prática pedagógica que desenvolveria.

A inserção do Cinema na escola vai além da exibição de filmes propriamente dita. Ela começa quando aprendemos a olhar esta arte como um papel formador do gosto e passamos a reparar sua funcionalidade para além do entretenimento. É preciso olhar para o filme e conseguir extrair dele seus valores culturais e artísticos. Pude assim, perceber a importância de um mediador para que essa inserção aconteça de maneira consistente e planejada. Pode ser muito conveniente colocar um filme para uma turma quando um professor faltou e esta possui um horário vago de modo a ocupar um tempo ocioso na instituição, quando na verdade o Cinema pode e tem condições de fazer parte do Projeto Pedagógico da Escola, devidamente pensado e organizado dentro do contexto escolar.

É bem verdade que na escola, mesmo com uma rotina planejada, surgem contratemplos, como por exemplo, o processo de intervenção administrativa, substituindo a direção por outra e reforma da edificação em que a Escola Municipal Presidente Tancredo Neves vivenciaram no ano de 2014, fizeram com que fosse alterado meu planejamento inicial.

Tinha a intenção de realizar um Cineclube com mais exibições na escola e junto dele, propiciar duas visitas aos Cinemas de Belo Horizonte. Mais exibições para desenvolver uma mediação natural e coesa com os jovens estudantes. Sabia que muitos deles não tinham muitas experiências com o Cinema. Por isto, minha primeira ação foi levá-los ao Cine CentoeQuatro pois queria que eles tivessem esta vivência com a sala de projeção escura e com a tela grande, tanto para propiciar esta vivência àqueles que nunca tinham tido, quanto para pontuar que aquela exibição não era apenas para entretenimento, mas sim aprender a olhar o filme.

Após este primeiro contato, iria fazer 05 sessões do Cineclube seguidas, com a mesma turma que participou da Excussão ao CentoeQuatro de modo a reproduzir um pouco daquela experiência na escola. Começaria por algo que eles já tinham uma afinidade, que seriam os filmes da Pixar que possuem sua relevância para História do Cinema de Animação para depois introduzi-los em outras Cinematografia com a qual não estavam tão acostumados,

intermediando uma reflexão que os levasse a refletir sobre o que viram no primeiro momento e estavam assistindo no decorrer das semanas.

Além da reforma do prédio que atrapalhou que realizasse mais exposições seguidas conforme o planejamento inicial, houve um agravante que foi a dificuldade de juntar os mesmos estudantes que participaram da excursão ao Cento e Quatro. Penso que se, o Projeto do Cineclube – e por consequência, o Cinema – fizesse parte do Projeto Pedagógico da Escola, com suas datas e horários pré-estabelecidos dentro do Calendário Escolar que fosse seguido corretamente, teríamos bons apreciadores da Sétima Arte.

Consciente da relevância desta proposta de inserir o Cinema na escola, parti para uma segunda tentativa da qual obtive mais sucesso quando ao propor as sessões do Cineclube dentro do Projeto “Férias na Escola”, realizei três sessões com os jovens estudantes. Na primeira sessão, mantive a ideia de trazer uma cinematografia com a qual estavam mais acostumados e vi crianças que sorriam ao descobrir pequenas animações com narrativas com início, meio e fim. A segunda sessão foi uma imposição da Direção da Escola que não surtiu o efeito desejado porque havia muitos participantes que estavam ali e não foram instruídos com relação aquela atividade. Neste caso, a sessão serviu apenas para ocupar um horário vago e, talvez por isto, não teve um aproveitamento tal qual a primeira. A terceira sessão foi uma maturação de uma relação que pode ser construída com um grupo – visto que muitos participantes da primeira sessão encontravam-se ali – e que pouco a pouco são levados a explorar sua sensibilidade, por isto optei por filmes diferentes e não tão óbvios.

Gostaria de ter tido outras oportunidades de fazer novas exposições para este grupo, mas foi através desta impossibilidade que percebi este não é um trabalho que se faz da noite para o dia. É uma construção que como pude comprovar, leva tempo – onde criamos uma ponte entre educador e aprendiz e tanto um, quanto outro são educados para o olhar. Eu aprendi a olhar os filmes que escolhi para as exposições de maneira diversa, diferente, surpreendente!

Ao trabalhar Cinema na escola, pude ampliar meus olhares, minha sensibilidade e, através deste novo mundo que se revelou ante a mim, quis intermediar que os jovens estudantes vivessem esta experiência também. O tempo não foi suficiente. Espero que através destas experiências, tanto aqueles que participaram da excursão, quanto àqueles que participaram das exposições, vejam o Cinema com um olhar diferente e possam se lembrar desta experiência que tiveram no ambiente escolar. Caminho de estranhamento para muitos que se transformaram em olhos brilhantes frente à tela.

Os desafios encontrados no início valeram como combustível para a satisfação que senti ao ver os jovens estudantes tendo este contato com o Cinema. Com a experiência do

Cineclube Tantã, alguns colegas professores me procuraram buscando parcerias futuras de projetos em que o Cinema reaparece na escola, me levando a crer o quanto este tipo de ação pode servir de pontapé inicial para tantas outras experimentações que possam surgir como a produção de filmes pelos próprios estudantes e outros trabalhos artísticos ligados à cinematografia.

Finalizo este relato reafirmando que o Cinema na Escola, além de possível, é capaz de cumprir uma função pedagógica, na expectativa de que novas iniciativas como essas se multipliquem. Que os desafios não sejam empecilhos ou impeçam nossa vontade de realizar.

Quando na apresentação, trouxe uma reflexão sobre minha caminhada pedagógica não imaginava que ela me traria até aqui, mas hoje percebo o quanto meu memorial foi responsável por me trazer onde estou, determinando minhas escolhas atuais, marcadas pelas minhas memórias de escola nesta caminhada em que estamos, constantemente aprendo e desaprendo, olho e revejo, descubro e me surpreendendo, buscando através das diferentes manifestações artísticas, dicas para a minha arte de viver!

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGALA, Alain. **A Hipótese-Cinema: pequeno tratado de transmissão do Cinema dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro: Booklink e CINEAD/UFRJ, 2008.

BUARQUE, Cristovam. **Projeto de Lei nº 13.006 de 27 de Junho de 2014**. Brasília, DF: Senado, 2008. Disponível em: <www.senado.gov.br/atividade/materia/getDocumento.asp?t=13153> Acesso em: 28 abr. 2015.

CARNEIRO, Maria Cristina C. de A. **Cidadania: a Educação do olhar**. Revista de Educação do Cogeime, Ano 14, n.27, dez. 2005. Disponível em: <[http://www.cogeime.org.br/revista/27 Artigo3.pdf](http://www.cogeime.org.br/revista/27%20Artigo3.pdf)> Acesso em: 29 abr. 2015.

DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 126 p.

DUARTE, Rosalia e ALEGRIA, João. **Formação Estética Audiovisual: um outro olhar para o Cinema a partir da Educação**. Dossiê Cinema e Educação. Revista Educação e Realidade, jan/jun de 2008.

FERNANDES, Priscila. **Democratização audiovisual em cartaz**. Boletim da Democratização Cultural. Blog Acesso. <<http://www.blogacesso.com.br/?p=297>> Acessado em 15/dez/2014.

FIGUEIREDO, Hermano. **Cineclube: organização e funcionamento**. Participação: Regina Célia Barbosa. Edições Ideário e Projeto Acenda uma vela. Maceió, 2006.

FRESQUET, Adriana. **Cinema para ler e reler o mundo**, Artigo publicado pela Revista Pátio Ano IX - Nº 33 - Ler e Reler o Mundo - Fevereiro à Abril de 2005 - FÓRUM DE ARTES.

FRESQUET, Adriana. **O Cinema como arte na escola: um diálogo com a hipótese de Alain Bergala**. In: Audiovisual comunitário e Educação: histórias, processos e produtos. LEONEL, Juliana; MENDONÇA, Ricardo Fabrino (orgs.). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e Educação – Reflexões e experiências com professores e estudantes de Educação básica, dentro e “fora” da escola**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

MEDEIROS, Martha. **Montanha-Russa**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2003.

MEYER, Dagmar E. Estermann. **Das (im)possibilidades de se ver como anjo...** In: GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. (Orgs.). Experiências Étnico-Culturais Para a Formação de Professores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2002.

PAULA, Carolina Teixeira e BARROS, Leila Cristina. **O Programa de Bibliotecas da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: PBH/SMED, 2013, 56 p.

SANTOS, Bettina Steren dos, ANTUNES, Denise Dalpiaz e BERNARDI, Jussara. **O docente e sua subjetividade nos processos motivacionais**. Porto Alegre, v. 31, n. 1, p. 46-53, jan./abr. 2008. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/3565/2783>. Acesso em 15 dez 2014.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro e LOPES, José de. **A Escola vai ao Cinema**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

9. REFERÊNCIAS FILMICAS

BANDA de um homem só, A. Direção: Andrew Jimenez, Mark Andrews; Produção: Osnat Shurer, John Lasseter, Brad Bird; Roteiro: Andrew Jimenez, Mark Andrews; Música: Michael Giacchino; Edição: Steve Bloom; Distribuição: Walt Disney Pictures. Estados Unidos: Pixar Animation Studios, 2005. 4:33 min.

CASA de pequenos cubinhos, A. Direção: Kunio Katô. Japão: desconhecido, 2008. 12min, vídeo.

CÉU no andar de baixo, O. Direção, Produção, Roteiro, Montagem: Leonardo Cata Preta; Edição de som: Ronaldo Gino; Trilha Sonora: Daniel Nunes. Brasil: 3 Moinhos, 2010. 15min, 35mm. Disponível em: http://portacurtas.org.br/filme/?name=o_ceu_no_andar_de_baixo. Acesso em: jan. 2015.

COISAS de pássaros. Direção: Ralph Eggleston; Produção: Ralph Eggleston; Roteiro: Ralph Eggleston; Elenco: Ralph Eggleston; Música: Riders in the Sky; Edição: Jennifer Taylor; Distribuição: Walt Disney Pictures. Estados Unidos: Pixar Animation Studios, 2000. 3:25 min.

DIA & Noite. Direção: Teddy Newton; Produção: Kevin Reher; Roteiro: Teddy Newton; Música: Michael Giacchino; Distribuição: Walt Disney Pictures. Estados Unidos: Pixar Animation Studios, 2010. 5:57 min.

HOTEL do coração partido. Direção: Raoni Assis; Produção: Nieger; Roteiro: Raoni Assis. Brasil: Synapse Produções Ltda, 2006. 5min, Vídeo. Disponível em: http://portacurtas.org.br/filme/?name=hotel_do_coracao_partido. Acesso em: jan. 2015.

LA Luna. Direção: Enrico Casarosa; Produção: Kevin Reher; Roteiro: Enrico Casarosa; Elenco: Krista Sheffler, Tony Fucile, Phil Sheridan; Música: Michael Giacchino; Edição: Steve Bloom; Distribuição: Walt Disney Pictures. Estados Unidos: Pixar Animation Studios, 2010. 6:53 min.

MENINA do algodão, A. Direção, Fotografia, Roteiro, Edição: Daniel Bandeira, Kleber Mendonça Filho. Brasil: Synapse Produções Ltda, 2002. 8min, video.

PARCIALMENTE nublado. Direção: Peter Sohn; Produção: Kevin Reher; Roteiro: Pete Sohn; Elenco: Tony Fucile, Lori Richardson; Música: Michael Giacchino. Estados Unidos: Pixar Animation Studios, 2009. 5:45 min.

RELACIONAMENTOS. Direção: Gordeeff; Produção: Cláudio Roberto, Gordeeff; Roteiro: Gordeeff; Edição: Cláudio Roberto, Gordeeff; Trilha original: Piotr.Tchaikovsky; Edição de som: Gordeeff. Brasil: Independente, 2003. 5min, video. Disponível em: <http://portacurtas.org.br/filme/?name=relacionamentos>. Acesso em: jan. 2015.